



A MULHER NA “NOVA” PLACAR: ENTRE SILÊNCIOS E SOMBRAS

Renato Machado Saldanha¹
Jefferson Diego Bezerra da Silva²
Sabrina Pereira de França³

RESUMO

A edição no. 1377, de abril de 2013, marca o início de uma nova fase editorial da *Placar*. Neste trabalho, debruçamos sobre as 12 primeiras edições dessa nova fase, investigando a produtividade da revista na construção de um discurso sobre a mulher no futebol. Para isso, aproximamo-nos dos Estudos Culturais pós-estruturalistas. Optamos por esse referencial por ele fornecer instrumentos que permitam reconhecer o caráter pedagógico da revista. Isso implica compreender que a forma como ela veicula suas informações e conhecimentos, o modo como organiza as narrativas, o que valoriza ou ignora, “ensina” sobre o esporte, institui uma forma de conhecê-lo e vivenciá-lo. A análise das revistas nos indica que, no que diz respeito à representação da mulher no futebol, nada mudou. A presença feminina no futebol continua marginal, quase invisível. Referências às mulheres são raras, quase sempre em uma situação específica: como esposa, namorada ou *affaire*. Nesse caso, ou se exalta o companheirismo que há entre os casais, ou a mulher é apresentada como uma façanha, uma conquista do atleta. A prática do futebol por mulheres só aparece uma vez. Mesmo assim, trata-se de um ensaio fotográfico onde garotas disputam uma partida de “altinha”. Neste caso, a prática do jogo parece ser um mero pretexto para exibir os corpos das jogadoras. Concluímos que ao ignorar a presença feminina, a revista contribui para que o futebol seja tratado como um assunto exclusivamente masculino.

Palavras-chave: Gênero. Mídia. Estudos culturais.

¹ Mestre em Ciências da Motricidade Humana / UFRGS. Docente da Universidade Federal de Pernambuco / CAV. renatomsaldanha@gmail.com

² Estudante de Licenciatura em Educação Física. Universidade Federal de Pernambuco / CAV. jeffersondiego_92@hotmail.com

³ Docente da Universidade Federal de Pernambuco / CAV

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



INTRODUÇÃO

“O registro mais confiável do futebol brasileiro para quem tem fome de bola”: Assim a Editora Abril inicia, em seu site, a apresentação da revista Placar. De fato, esta é a revista especializada em esportes mais antiga do País, e também a líder neste segmento do mercado editorial nacional. Publicada desde março de 1970, sempre pela Editora Abril, ela já teve mais de 1300 edições regulares, sem contar um sem-número de publicações extras (entre revistas-pôsteres, edições especiais, revistas comemorativas, guias de campeonatos, almanaques, entre outros).

Nesses 44 anos de existência, Placar não apenas documentou os principais acontecimentos do futebol nacional – cobrindo os eventos e competições mais importantes e acompanhando a trajetória de equipes e jogadores – como, muitas vezes, foi protagonista dessa história – denunciando esquemas de corrupção (como a Máfia da Loteria Esportiva, em 1982, ou o caso Ivens Mendes, em 1997), propondo mudanças (como na campanha pela fim da violência entre as torcidas, em 1996, e pela modernização dos nossos estádios, em 1998) e criando premiações (como a Bola de Prata/Ouro, troféu que homenageia anualmente os melhores jogadores do campeonato brasileiro).

O prestígio da revista, porém, não se reflete em marasmo. Nessas quatro décadas, a revista já se “reinventou” diversas vezes. Modificou sua periodicidade (era semanal, hoje é mensal), logotipo, formato e até linha editorial (já foi uma revista multi-esportiva, passou a ser uma revista de comportamento, e hoje se declara uma revista “100% futebol”). A edição no. 1377, de abril de 2013, marca o início de uma nova fase editorial da *Placar*.

Revistas precisam, de tempos em tempos, rejuvenescer. Nossas páginas pediam uma brisa nova. Esta PLACAR que você tem em mãos traz mudanças planejadas desde o ano passado (BARROS, 2013. p. 8).

No editorial, Maurício Barros, recém-empossado diretor de redação, sugere que as novidades também se justificam por transformações ocorridas no próprio futebol, principal conteúdo da revista.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Revistas, como nós, são organismos vivos. Não podem parar no tempo, precisam mudar com o passar dele. Porque a natureza do que retratam também se movimenta (idem).

Sendo assim, é de se esperar que essa “brisa rejuvenescedora” não se restrinja apenas a aparência da revista, seu projeto gráfico, mas também ao modo como ela aborda seu conteúdo. Neste trabalho, debruçar-nos-emos especificamente sobre a visibilidade dada (ou negada) às mulheres por essa renovada *Placar*. Ou seja, nos interessa investigar a produtividade deste artefato cultural na construção de um discurso sobre a mulher no futebol.

Para tal tarefa, aproximo-me aqui do campo de análise dos Estudos Culturais, em sua perspectiva pós-estruturalista. A opção por esse referencial teórico deve-se ao entendimento de que ele fornece instrumentos que permitem tomar um artefato cultural como um espaço que exerce uma pedagogia. Ou seja, um produto da mídia, como a *Revista Placar*, ao produzir e fazer circular ideias, saberes, valores e conhecimentos, participa do processo cultural que produz nossa subjetividade, nosso modo de pensar e agir.

Esse tipo de abordagem só se torna possível a partir da segunda metade do século XX, quando vários intelectuais passaram a questionar a tradição de análise cultural predominante até então. Em um movimento que ficou conhecido como “virada cultural”, deixou-se de imputar à cultura uma função secundária, de mera variável subordinada à realidade objetiva, material, e passou-se a reconhecer nela um importante papel de mediadora de nossa vida social (COSTA, 2000).

Além disso, ao rechaçar a concepção elitista de cultura que estava em voga – cultura entendida como ‘o melhor da produção intelectual humana’ (os mais bem elaborados escritos, as reconhecidas obras de arte, entre outros), e dividida entre ‘alta cultura’ (uma cultura erudita, tida como legítima e universalmente válida) e ‘baixa cultura’ (uma espécie de “não cultura”, marcada pela sua massificação e pela ausência de erudição ou de elementos da cultura dominante) – a “virada cultural” contribuiu para que temáticas mais ordinárias, mais ligadas ao domínio público (como o futebol e a mídia, por exemplo)

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



XX (ver, por exemplo, MURRAY, 2000). A definição desse esporte como algo exclusivamente masculino é arbitrária, fabricada social e historicamente, e geradora de uma relação assimétrica entre indivíduos dos dois sexos.

O futebol chegou até mesmo a ser oficialmente proibido para as mulheres, sob a alegação de que era muito violento, e, portanto, incompatível com a delicada e frágil “natureza feminina”⁵. Ainda hoje, três décadas após o fim da proibição ao futebol feminino, esse esporte segue sendo reconhecido por muitos como eminentemente masculino, a ponto de sua simples prática ser capaz de comprometer a feminilidade das mulheres.

Por outro lado, o interesse pelo futebol é tido quase como uma obrigação para o homem brasileiro, uma prova fundamental de sua masculinidade. A ponto de não ser nenhum exagero afirmar que, pelo menos por aqui, “Homem que é Homem” (assim com ‘H’ maiúsculo mesmo), gosta de futebol, torce por algum time e já deu os seus chutes (mesmo que num passado bem remoto).

A construção cultural brasileira concebe o esporte, e especialmente o futebol, como um espaço de práticas sociais masculinas através da sua história. E o futebol como uma prática esportiva identitária da construção deste masculino terminou por concentrar uma resistência, ainda maior do que os outros esportes, à prática feminina (MOURÃO e MOREL, 2005, p. 79).

Assim, não é de se espantar que, entre os anos de 2001 e 2006, *Placar* figurasse dentro do “Núcleo Homem” no organograma da Editora Abril, junto com as revistas *Playboy*, *VIP* e *Quatro Rodas*. Ou seja, ainda recentemente, *Placar*, uma revista inteiramente dedicada ao futebol, era considerada por sua própria editora como uma publicação masculina⁶.

Não há, entre indivíduos dos dois sexos, nenhuma diferença “natural” ou “essencial” que justifique essa desigualdade no interesse pelo futebol. Essa distinção entre o comportamento próprio dos homens e o comportamento

⁵ Refiro-me ao Decreto-lei n. 3.199, do Conselho Nacional de Desportos, de 14 de abril de 1941, que proibia oficialmente as mulheres de praticar algumas modalidades esportivas, como o boxe, o salto com vara e o futebol.

⁶ Atualmente, apesar de estar localizada no “Núcleo Motor, Esportes e Turismo, *Placar* ainda revista aparece, no site de sua editora, no rol de revistas masculinas (ABRIL, 2014b), e conta com 88% de leitores homens (ABRIL, 2014a).

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



próprio das mulheres, é feita pela e na cultura. Tendo como referência os Estudos Culturais, nomearemos de *identidade de gênero*, essas “construções socialmente distintas de masculino e feminino, isto é, as atribuições sociais e históricas feitas a partir de características biológicas” (LOURO, 2000, p.124).

Para entendermos melhor o modo como distinções como essa são construídas culturalmente, dois conceitos são importantes: identidade e representação.

Identidade, neste caso, não é concebida em um nível psíquico, nem tampouco como algo fixo, sólido e estável. Dentro da perspectiva pós-estruturalista, identidades referem-se às formas como os sujeitos se posicionam (ou são posicionados) diante de diferenças percebidas.

Sendo assim, identidades são sempre relacionais, dependem de um contrário, de um diferente para serem definidas. Como este posicionamento pode se alterar de acordo com a situação ou a referência utilizada, e a própria percepção da diferença é uma construção discursiva, portanto sujeita as relações de poder em que está inserida, as identidades dos sujeitos são múltiplas, fragmentadas e cambiáveis.

Deste modo, aceitar as identidades como “pontos de apegos temporários às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 2000, p. 112), implica compreendê-las como forjadas nas relações sociais, e conseqüentemente, moldadas pelas redes de poder dessa sociedade. Desta forma, seriam historicamente datadas, provisórias e inacabadas, já que estariam num constante processo de (re)construção.

Nesta constante (re)definição das identidades, as representações desempenham um papel importante:

A produção das identidades liga-se estreitamente ao processo de construção de representações acerca de grupos sociais e indivíduos, feitas pelos próprios interessados e por outros em seu nome, num processo que tem evidentes implicações com as questões da políticas e do poder, uma vez que as representações experimentam posições de hierarquia e valorização diferenciada no mundo social (SEFFNER, 2003, p. 77).

As representações são formas de se produzir significados na cultura. São entendimentos e valorações estabelecidos discursivamente sobre os

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



objetos, comportamentos ou grupos de pessoas. Como construções linguísticas que são, também estão sujeitas às relações de poder, não existindo, portanto, representações “naturais”, “verdadeiras”, nem “mais corretas” sobre algo.

Segundo Tomas Tadeu da Silva (2001), representação é a face material, visível, palpável do conhecimento. No momento em que atribuímos um significado a algo, esta coisa passa a fazer parte de um sistema de significação. A partir daí, a coisa simplesmente deixa de existir como algo “em si”.

No interior das representações, dentro dessa produção de significados através da linguagem, é que são forjadas as identidades, as posições de sujeitos possíveis. Isso porque, ao mesmo tempo em que constroem os lugares, as representações operam posicionando os sujeitos. Portanto, conhecer as identidades passa necessariamente por identificar quais as representações estão a elas associadas.

Assim, estudar as representações significa realizar uma apreciação do processo pelo qual são atribuídos significados às coisas ou grupos, investigar como eles são classificados, analisar quais elementos são utilizados para posicionar as práticas e sujeitos.

Neste contexto, a mídia, como um espaço privilegiado para a propagação de ideias na sociedade hodierna, adquire grande importância. Ao criar narrativas sobre um fato, seja ele real ou fictício, os diferentes artefatos midiáticos não apenas relatam uma história. Eles produzem e reproduzem representações. Ao fazer conhecer valores e saberes, concedem sentidos e significados às coisas, participando ativamente desta disputa no campo simbólico. Para Rosa Fischer (2001) a mídia seria “parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significação e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida” (p. 15).

Mais do que um simples entretenimento, podemos considerar a mídia como uma instância pedagógica, já que ela proporciona a aprendizagem de

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



informações e saberes que produzem efeitos sobre a maneira como as pessoas vivem. Se a cultura determina a relação do sujeito com o mundo, os significados, valores e sentidos presentes nela estão inevitavelmente relacionados à forma como esse sujeito interage com os outros, e até mesmo a percepção que ele tem de si mesmo.

Portanto, tendo como referencial teórico os Estudos Culturais, podemos pensar que, através da sua linguagem (suas fotos, ilustrações, textos e silêncios), *Placar* produz e reproduz saberes, dinamiza crenças e valores, dá visibilidade a discursos, ou seja, não apenas retrata a realidade, mas ajuda a construí-la.

Como um produto da mídia, ela [a revista] exerce também uma pedagogia, visto que nas suas páginas se estruturam circunstâncias e espaços que desencadeiam aprendizagens (FIGUEIRA e GOELLNER, 2005, p. 89).

Reconhecer o caráter pedagógico da revista implica compreender que a maneira como ela retrata o futebol não é neutra. Ao abordá-lo, *Placar* atua divulgando, produzindo, ampliando, reforçando uma série de significados sobre ele. Considerando que “toda a nossa conduta e todas as nossas ações são moldadas, influenciadas e, desta forma, reguladas normativamente pelos significados culturais” (HALL, 1997), podemos pensar que a revista exerce influência sobre o processo de construção de subjetividades, interferindo no modo como agimos e pensamos.

Portanto, a partir do referencial teórico dos Estudos Culturais, podemos pensar que que *Placar* não está alheia a esse processo de diferenciação entre os papéis de gênero. A forma como a revista veicula suas informações e conhecimentos, o modo como organiza as narrativas, a seleção que faz do que é ou não importante, o que ela valoriza, recrimina ou ignora, “ensina” sobre o esporte, institui uma forma de conhecê-lo, compreendê-lo e vivenciá-lo.

A análise das primeiras 12 edições dessa nova fase editorial nos indica que, pelo menos no que diz respeito a representação da mulher no futebol, quase nada mudou. A presença feminina no futebol, seja jogando, seja torcendo, continua marginal, quase invisível para a revista.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Ainda que, no período analisado, a Seleção Brasileira feminina tenha participado de inúmeros jogos amistosos (incluindo uma partida com público recorde para a modalidade, nos EUA) e Competições (como o Torneio Internacional de Brasília e o Torneio do Chile), tenha sido recebida por autoridades como o Ministro dos Esportes e a Presidenta da República, que a jogadora Marta tenha sido indicada mais uma vez para o prêmio Bola de Ouro da Fifa, ou que tenha ocorrido a primeira edição do Campeonato Brasileiro de Futebol feminino, nada disso foi noticiado pela Placar.

Referências às mulheres na revista ainda são raras, e na maioria das vezes ocorrem em uma situação bem específica: como esposa, namorada ou *affaire* de jogador. Nesse caso, ou se exalta o companheirismo que há entre os casais casados, ou a mulher é apresentada como mais uma façanha, uma conquista do atleta em destaque.

Em todas as 12 edições analisadas, a prática do futebol por mulheres só aparece uma única vez. Mesmo assim, trata-se de um ensaio fotográfico (que ocupa 6 páginas) onde garotas de biquíni aparecem na praia disputando uma partida de “altinha”.

*Marmanjos também jogam, mas o fotógrafo Daniel Kfoury preferiu clicar as **gatas** que praticam a modalidade surgida nas praias cariocas {ahhh, o Rio!}. A ordem é não deixar a bola cair. **Pra quem está com tudo em cima**, é fácil... (ALTINHA..., 2013. p. 74, grifo nosso)*

Neste caso, não nos parece leviano afirmar que a prática do jogo é um mero detalhe no ensaio fotográfico. A legenda e os ângulos escolhidos para as fotos, sugerem que a preocupação central da revista era exaltar os atributos físicos das “gatas”, mostrar como “elas estão com tudo em cima”.

Desta forma, concluímos que *Placar*, ao se assumir enquanto “revista masculina”, não apenas reflete o imaginário social que considera o futebol território masculino. Ao ignorar a presença feminina nos estádios, em campo ou fora dele, a revista contribui para que o futebol seja tratado como um assunto exclusivo para homens. Neste caso, à mulher cabe apenas o papel de “enfeite”, a ser admirada e conquistada pelo homem.

Palavras-chaves: Gênero, mídia, estudos culturais.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



REFERÊNCIAS:

ABRIL, 2014a. Disponível em:
[http://www.assine.abril.com.br/portal/assinar/revista-
masculina?ua=true&codCampanha=E17R](http://www.assine.abril.com.br/portal/assinar/revista-masculina?ua=true&codCampanha=E17R) Acesso em: 28 de abril de 2014

ABRIL, 2014b. Disponível em:
<http://publicidade.abril.com.br/marcas/placar/revista/informacoes-gerais> Acesso
em: 28 de abril de 2014

ALTINHA é Tudo. In. Revista Placar, n. 1383. São Paulo: Ed. Abril, 2013

BARROS. M, *Preliminar*. In Revista Placar, n. 1377. São Paulo: Ed. Abril, 2013

COSTA, M. V., *Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares*. In:
COSTA, M. V.(org.) Estudos culturais em educação. Porto Alegre: Ed. UFRGS,
2004.

FIGUEIRA, M. e GOELLNER, S. *A promoção do estilo atlético na revista
capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino
contemporâneo*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 26, n. 2, p. 87-99.
Campinas: Ed. Autores Associados, jan. 2005.

FISCHER, R. M. B., *Adolescência em discurso: mídia e produção de
subjetividade*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação
em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande
do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

_____, *Televisão & Educação: Fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte:
Ed. Autêntica, 2001.

HALL, S. *A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo*.
Educação e Realidade. v. 22, n. 2, p.15-46, Porto Alegre: UFRGS, jul/dez 1997.

_____. *Quem Precisa de Identidade?* In.: SILVA, T. T. Identidade e Diferença:
a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

18° REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



KINDEL, E., *A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais...* Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

LOURO, G. L., *Porque estudar gênero na era dos Cyborgs?* In: *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*, FONSECA, T. M. E FRANCISCO, D, J (org.). Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000;

MEYER, D. E. E., *Educação em saúde e prescrição de “formas de ser e de habitar”:* *uma relação a ser ressignificada na contemporaneidade*. In: FONSECA, T. M. G. & FRANCISCO, D. J. (org.), *Formas de ser e habitar a contemporaneidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000.

MOURÃO, L. e MOREL, M. *As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo*. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 26, n.2, p. 73-86. Campinas: Autores Associados, jan. 2005.

MURRAY, B., *Uma história do futebol*. São Paulo: Hedra, 2000.

SEFFNER, F. *Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SILVA, T. T. da, *O Currículo como Fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2001.

VEIGA-NETO, A. *Michel Foucault e os Estudos Culturais*. In: COSTA, M. V.(org.) *Estudos culturais em educação*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.